

OLHARES CRUZADOS SOBRE RECEPÇÃO E TRADUÇÃO LITERÁRIA¹

CROSS-LOOKS ON LITERARY RECEPTION AND TRANSLATION

Lucilene Machado Garcia ARF*

Resumo: Este trabalho concentra-se nas teorias da tradução literária que se fundamentam nas ciências literárias. Tomasziewicz recorda que a teoria da recepção ou estética da recepção elaborada por H. R. Jauss e W. Iser, denominada igualmente como Escola de Constança, ocupa-se, nos finais dos anos 1960, da recepção de textos literários. Ao mesmo tempo, a teoria dos polissistemas, proposta por Even Zohar e Gideon Toury, se desenvolve nos Estudos da Tradução. Trata-se de uma importante iniciativa, pois, até então, a tradução era frequentemente considerada como uma atividade de natureza puramente linguística passando, então, a ser entendida como uma decantação cultural em que a recepção desempenha um papel crucial. A inclusão do receptor nos Estudos da Tradução não apenas está legitimada teoricamente, mas também ocupa o primeiro plano de interesse em que o receptor se integra, obrigatoriamente, na cadeia comunicativa. O tradutor desempenha, ao mesmo tempo, o papel de receptor e de emissor, convertendo-se no primeiro receptor do texto original e emissor do texto traduzido. Este artigo aborda os principais avanços dos Estudos da Tradução Literária a partir do século XX, incluindo a teoria dos polissistemas, os Estudos Descritivos da Tradução, o conceito de normas, além da Escola de Manipulação.

Palavras-chave: Estudos da Tradução Literária; teoria dos polissistemas; Estudos Descritivos da Tradução; Escola de Manipulação; recepção cultural.

Abstract: This paper concentrates on literary translation theories based on literary sciences. Tomasziewicz recalls that the theory of reception or aesthetics of reception, developed by H. R. Jauss and W. Iser, also named School of Constance, is concerned to the reception of literary texts and dates back to late 1960s. At the same time, the polysystem theory, proposed by Even Zohar and Gideon Toury, was also introduced in Translation Studies. This was an important initiative, given that, up until then, translation had mostly been considered as a purely linguistic nature activity and started, then, being comprehended as a cultural decantation in which text reception played a very important role. The inclusion of the receiver in Translation Studies is not only theoretically legitimized, but also occupies the forefront of the interests in which the receiver is obligatorily integrated in the communicative network. Translators play, then, the twofold role of receiver and sender, becoming the first receiver of the original text and the sender of the translated text. This paper addresses the main advances of Literary Translation Studies, including Descriptive Translation Studies, polysystem theory, Manipulation School as well as norm concepts.

Keywords: Literary Translation Studies; polysystem theory; Descriptive Translation Studies; Manipulation School; cultural reception.

¹ Este artigo é um recorte da tese de doutorado da própria autora, intitulada *Entre abanicos e castanholas: recepção de Clarice Lispector na Espanha* e defendida na Universidade Estadual Paulista em 2013, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Diva Camargo Cardoso. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106333/arf_img_dr_sjrp.pdf?isAllowed=y&sequence=1

* Doutorado em Teoria da literatura - UNESP (São José do Rio Preto) com estágio na Universidad Complutense de Madrid. Professora Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: lucilene.arf@ufms.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7870-3636>

Segundo Hurtado-Albir (2008), os processos básicos de compreensão e reexpressão efetuados pelo tradutor têm suas próprias particularidades, pois há que se considerar que o tradutor, como receptor, não é um destinatário natural do texto original, posto que não pertence, em geral, à comunidade linguístico-cultural da língua de partida, de modo que tem de se livrar de dificuldades que o texto pode ocasionar. Além disso, o tradutor lê o texto tendo em mente o fato de que terá de traduzi-lo, efetuando, assim, uma compreensão especial. Enquanto o receptor monolíngue lê para compreender, o tradutor compreende para traduzir, o que requer um maior grau de compreensão para poder (re)expressá-lo.

Há de se considerar, também, que o tradutor não é um emissor natural na língua de chegada, já que terá de transpor um texto, em cujos temas, muitas vezes, não é especialista, requerendo recursos cognitivos específicos. O tradutor é um receptor mediador institucional, porque medeia o que recebeu em sua leitura e o que vai comunicar por meio de sua tradução. Esta mediação é intencionada, já que a leitura que o tradutor realiza é uma metaleitura destinada a influir nos receptores finais da tradução. Os livres intérpretes e os críticos gozam do privilégio da mediação institucional por meio da leitura desde os tempos mais antigos.

O objetivo deste artigo é abordar os principais avanços dos Estudos da Tradução Literária a partir do século XX, incluindo a teoria dos polissistemas, os Estudos Descritivos da Tradução e conceitos de normas, além da Escola de Manipulação. Ao analisar esses métodos, descrevem-se os tipos de análises propostos, problematizando seus conceitos e normas. Vale destacar que, ainda que se traduza há séculos, é apenas nos anos 1960 que se iniciam reflexões de caráter sistemático sobre a tradução, organizadas em torno da disciplina Estudos da Tradução, que tem como objeto a tradução em suas diversas manifestações. Nos últimos 50 anos, o desenvolvimento dos Estudos da Tradução tem sido amplo em suas vertentes teóricas, descritivas e aplicadas.

Tradutores e traduções: a evolução das teorias

Em seu texto “¿Cómo define la Traductología sus objetivos y metodologías de análisis?”, Teresa Tomasziewicz (2007) distingue dois tipos de tradutores literários. O primeiro, os denominados embaixadores, que não buscam estabelecer seus próprios sistemas de valores, e sim traduzir aquelas obras que, na cultura original, são consideradas fundamentais para a história de sua literatura. Traduzem para informar, para mostrar, ao público receptor, os cânones fundamentais da cultura original.

Em contrapartida, os segundos, chamados de tradutores legisladores, introduzem na cultura meta aqueles textos que, não necessariamente, encabeçam as listas de popularidade no

meio original e que, em seus pareceres, podem entrar em um diálogo criativo com a literatura local e propor novas formas, critérios, formas linguísticas, inclusive novos sistemas de valores.

Para a tradutóloga, a esta visão de tradutor-criador, conhecedor da literatura e cultura originais, cabe acrescentar a categoria de tradutor-artesão, uma vez que, frequentemente, são os editores que adotam a política editorial, convertendo o tradutor em um provedor de serviços. Por último, nos sistemas totalitários, segundo ela, a política editorial se submete a fatores ideológicos dos governos. Nesses casos, selecionam-se para a tradução não as obras que satisfazem as necessidades do público receptor, mas, sim, dos grupos que detêm o poder.

Essa infinidade de interesses mostra que os Estudos da Tradução contemporâneos levam os estudiosos da tradução a apoiarem-se não apenas em teorias linguísticas e literárias, mas também em teorias sociológicas, psicológicas, informáticas etc., segundo o objeto de estudo no qual sua investigação está centrada.

Os textos literários, resume Hurtado-Albir (2008), têm em comum uma série de traços que os definem. Predominantemente, apresentam características linguísticas formais que abarcam uma sobrecarga estética, o que produz um “desvio” de linguagem; são criadores de ficção, agrupam-se de acordo com os diversos tipos, gêneros, tons, campos, modos, estilos e são ricos em referências culturais. Este perfil particular dos textos literários afeta a tradução e requer do tradutor uma competência especial que se denomina literária. A tradução literária, entendida em um sentido geral, é, talvez, o tipo de tradução em que mais se deve pôr em jogo a criatividade do tradutor, sua grande base de conhecimentos para a resolução dos problemas próprios deste tipo de texto. As finalidades da tradução literária dependem de diversos fatores, entre eles destacam-se o *status* da obra literária (subliteratura, clássicos da literatura etc.); o encargo da tradução (para uma edição de bolso, para uma edição bilíngue etc.); bem como o destinatário da tradução (público infantil, juvenil, erudito etc.). De acordo com o objetivo que se almeja, os métodos de tradução literária a serem empregados poderão variar.

Levando-se em conta esses aspectos e a tradição literária, não é de se estranhar que a maior parte da reflexão teórica sobre a tradução ao longo da história esteja centrada, fundamentalmente, nesta tipologia. Ressalva-se que já existiam concepções teóricas sobre tradução, mas não como um conjunto disciplinar com estudos sistematizados. Hurtado-Albir (2008) sustenta que a reflexão em torno da tradução literária não se desenrola como tal até a segunda metade do século XX, consolidando-se a partir de meados dos anos setenta. Antes disso, a tradução sob a ótica literária só existia como uma orientação prescritiva e avaliativa e temas como (in)traduzibilidade ou o conceito de equivalência preenchem o debate principal.

A partir da metade da década de 1970, abre-se um amplo leque de propostas teóricas de estudos da tradução literária. Hurtado-Albir (2008) destaca, entre outras questões, a relação entre os estudos linguísticos e os estudos literários; a análise da tradução literária como parte de uma teoria geral da Literatura; a relação entre teoria literária e tradução literária; análises de elementos de índole ideológica e sociocultural ou a proposta de modelos de análises estilísticas. A professora propõe a reformulação da proposta de Holmes (1988), que destaca três aspectos principais: em primeiro lugar, dar maior ênfase na relação recíproca e não hierárquica que se estabelece entre os estudos descritivos da tradução, os estudos teóricos da tradução e os estudos sobre a tradução aplicada. Entre eles se produz uma grande transferência de dados e princípios que não devem ser considerados apenas aplicações mecânicas entre um ramo e outro. Em segundo lugar, a teoria geral da tradução e as teorias parciais da tradução deviam considerar melhor as pesquisas que evoluem desde etapas mais concretas até etapas de maior abstração. Em terceiro lugar, convém diferenciar entre os enfoques teóricos, os métodos de pesquisa e os objetos de estudo em si, de tal forma que a relação entre as investigações parciais fiquem mais definidas. Em todo caso, Holmes e Hurtado-Albir coincidem basicamente nos objetivos a serem perseguidos nos Estudos da Tradução:

construir o aparato conceitual apropriado que sirva para definir e explicar os fenômenos relacionados com a tradução em todas as suas manifestações, e para prever os problemas e fatores que entram em jogo [e] descrever e explicar a tradução (processo e produto) em todas as suas variedades coletando e medindo dados que permitam esclarecer e classificar fenômenos, assim como definir regularidades, probabilidades, princípios, normas comunicativas, etc. (HURTADO-ALBIR, 2008, p. 151, tradução nossa).²

Bassnett (1993) formula os mesmos objetivos ao classificar os estudos que desenvolve sobre tradução. Distingue duas áreas de interesse orientadas para o processo e duas para o produto. As primeiras são a história da tradução e a tradução na cultura da tradução e as segundas são a tradução linguística e a tradução poética.

A *história da tradução* parte da história literária. As linhas de pesquisas que oferecem esta área são bastante variadas. À guisa de ilustração, pode-se contar o estudo da evolução das teorias da tradução ao largo do tempo, a resposta crítica às traduções, os processos práticos de

² No original: “Construir el aparato conceptual apropiado que sirva para definir y explicar los fenómenos relacionados con la traducción en todas sus manifestaciones, y para predecir los problemas y factores que entran en juego [y] describir y explicar la traducción (proceso y producto) en todas sus variedades recogiendo y midiendo datos que permitan clarificar y clasificar los fenómenos así como definir regularidades, probabilidades, principios, normas comunicativas, etc”.

encargo e publicação de traduções, o papel e a função das traduções em um período determinado, o desenvolvimento metodológico da tradução ou a análise do trabalho de tradutores individuais.

A tradução na cultura da tradução prossegue com o trabalho sobre textos ou autores individuais, porém inclui, além disso, investigação acerca da influência de um texto, de um autor ou de um gênero, bem como a assimilação das normas do texto traduzido na cultura da tradução e os princípios de seleção que operam neste sistema.

A tradução linguística abarca tanto os estudos centrados na comparação linguística de pares de textos em todos os níveis, como estudos enfocados nas análises de problemas de equivalência linguística, do significado ligado à língua, da intraduzibilidade linguística ou da tradução automática.

A tradução poética inclui a teoria e a prática da tradução literária. Os estudos podem ser gerais ou estar limitados ao gênero. A observação da poética pessoal dos tradutores e a comparação entre diversas poéticas formam parte desta linha de pesquisa. Outros casos de análises, como os estudos concernentes à formulação de uma poética, os estudos de relação entre texto original e texto traduzido e o escritor-tradutor-leitor também são importantes. Nesta área se integram os intentos de formulação de uma teoria da tradução.

Na realidade, a maior parte das teorias que se manuseiam para o estudo da tradução literária tem uma relação mais ou menos direta com duas ideias, centrando-se na organização das traduções literárias como sistema e na descrição do funcionamento das traduções literárias, dentro do sistema do qual faz parte. Nesta visão funcional da tradução literária, segundo Venuti (2002), três conceitos se apresentam como fundamentais: a escola da manipulação, a teoria do polissistema e as normas da tradução.

A teoria dos polissistemas

A teoria dos polissistemas se ocupa da tradução como atividade social a serviço das formas de poder em harmonia com os discursos sociais dominantes. Analisa a vida do texto traduzido em um novo contexto social e cultural e analisa os vínculos entre os diferentes sistemas literários. Este enfoque renuncia a percepção do tradutor como um cristal transparente. O tradutor se converte em uma espécie de porta-voz da sociedade e defensor de seus valores. Isso trouxe novas preocupações aos tradutólogos: a censura na tradução, já que as investigações nesse campo demonstram que a sociedade entende a censura de maneira distinta, tratada por diferentes perspectivas: censura religiosa, política, econômica, moral e linguística. Os países

comunistas, assim como países europeus de distintas épocas, sofreram a censura de maneiras muito diversas. Para Teresa Tomasziewicz:

A censura supõe a circulação mais ou menos livre das traduções nas diferentes sociedades receptoras. Trata-se de uma atividade muito ampla, inscrita em um contexto social que implica a colaboração entre diferentes actantes profissionais que participam dela: **cliente, iniciador, receptor, leitor, crítico, investigador, distribuidor, livreiro, técnico em informática etc.** (TOMASZIEWICZ, 2008, p. 80-81, grifo nosso, tradução nossa)³.

A teoria dos polissistemas reorienta os Estudos da Tradução em um momento decisivo para o progresso da disciplina. Da mesma forma como ocorre com a estética da recepção e com a Escola de Manipulação, torna-se arriscado considerar a teoria dos polissistemas como um paradigma desenvolvido para as Ciências Naturais. É certo, como explica o espanhol Iglesias Santos (1994) que a teoria dos polissistemas nasce com uma forte consciência teórica cujo objetivo é renovar os Estudos Literários confrontando-se com a tradição e deve, portanto, ser considerada não como um novo paradigma, mas como uma orientação de grande importância.

A principal contribuição dos formalistas para o trabalho de Even-Zohar foi o conceito de sistema, desenvolvido por Iuri Tinianov (1929) para designar uma estrutura formada por várias camadas de elementos que se relacionam e interagem entre si. Trata-se de um conceito flexível o bastante para ser aplicado a vários fenômenos, sob as mais diversas situações. No caso da literatura, Tinianov utilizava-o para analisar não apenas obras literárias, mas gêneros, tradições literárias e a própria ordem social como sistemas, ou mesmo subsistemas de sistemas. Com o tempo, Tinianov passou a ver o processo da evolução literária como uma mutação de sistemas (BAKER, 1998).

Com base nessa noção sistêmica proposta por Tinianov, Even-Zohar, teórico israelense, da Universidade de Tel Aviv, encarrega-se de dar vida à teoria dos polissistemas no início da década de 1970. Em linhas gerais, essa teoria concebe determinada cultura como um grande sistema, internamente composto por subsistemas — daí o nome polissistemas — que se relaciona com outros sistemas paralelos. Dentro dos polissistemas de uma cultura, figura, por exemplo, o sistema literário que, por sua vez, abriga o sistema da literatura traduzida.

A teoria dos polissistemas não nasce no campo particular da Tradução. Ela tem origem no seio dos Estudos Literários. Conforme relata Iglesias Santos (1994), ela surge como um

³ No original: “*La censura supone la circulación más o menos libre de las traducciones en las diferentes sociedades receptoras. Se trata de una actividad muy amplia, inscrita en un contexto social que implica la colaboración entre diferentes actantes profesionales que participan en ella: cliente, iniciador, receptor, lector, crítico, investigador, distribuidor, librero, bibliotecario, informático etc.*”

intento de ampliar a tradicional noção eurocêntrica da literatura que existia, sobretudo, na Literatura Comparada e na História Literária, herdeiras de concepções românticas. Dentro dos Estudos Literários, a teoria dos polissistemas representa um passo a mais na evolução natural desta vertente do saber. A consideração da obra literária como ato comunicativo e instituição social possibilitam o desenvolvimento de novas tendências nos Estudos Literários a partir da segunda metade do século XX.

Somaram-se a Even Zohar pesquisadores da tradução como Toury e outros da Universidade de Tel Aviv, com o objetivo de criar as noções básicas para a nova teoria que institui uma zona de convivência entre Linguística e Literatura. Canadá, Índia e, principalmente, a Bélgica são os primeiros países de acolhimento. A partir daí e graças a revistas especializadas, como *Target* e *Poetics today*, a teoria dos polissistemas estendeu seu campo de ação, não apenas territorial como também temático (IGLESIAS SANTOS, 1994). Além disso, a teoria dos polissistemas é adotada, rapidamente, pelos representantes da recém-nascida Escola de Manipulação, que passam a considerá-la como um modelo teórico capaz e adequado ao estudo sistemático da tradução.

Ainda, segundo Iglesias Santos (1994), as principais teorias sistêmicas, além da teoria dos polissistemas, são a Semiótica da Cultura (Iouri Lotman), a Sociologia da Literatura (Pierre Bourdieu) e a Teoria Empírica da Literatura (Schimit). A base comum de que partem todas essas aproximações ao fenômeno literário se encontram nos trabalhos que, desde o Formalismo Russo e o Estruturalismo Checo do Círculo Linguístico de Praga, consideram a literatura como um sistema sociocultural e um fenômeno comunicativo que se define de maneira funcional, ou seja, por meio das relações estabelecidas entre os fatores interdependentes que comportam o sistema.

Para Hermans (1985), empresta-se do Formalismo Russo a concepção de literatura como um conjunto de recursos ordenados e estruturados hierarquicamente, e, do Estruturalismo de Praga, a interação entre a Literatura e seu entorno, consistindo na explicação do funcionamento real e concreto dos textos literários no mundo social. As condições de produção, de distribuição, de recepção, de consumo ou de institucionalização dos fenômenos literários encontram-se entre os seus pontos de análises.

Even-Zohar (1990) expõe, com clareza, os postulados teóricos que definem a teoria dos polissistemas. Para ele, a essa teoria se atribui um funcionalismo dinâmico que destaca a complexidade, a abertura e a flexibilidade dos sistemas culturais em relação ao histórico. A ideia central da orientação é basicamente relacional: os elementos integrantes dos sistemas

culturais se relacionam uns com os outros e adquirem seu valor e sua função graças à posição que ocupam.

Tal ideia se torna mais clara quando se toma como exemplo o polissistema literário de um país. Este pode ser considerado um sistema que integra outros maiores, como o sociocultural, que, por sua vez, abrange outros menores, além do literário, como o artístico, o religioso ou o político. Cabe também frisar que, ao ser inserida num contexto sociocultural mais amplo, a Literatura passa a ser vista não apenas como mera coletânea de textos, mas como um conjunto de fatores que governam a produção, difusão e recepção desses textos (BAKER, 1998).

As ferramentas utilizadas por Even-Zohar para relacionar a teoria com a prática investigativa se baseiam em uma série de oposições binárias que encontram suas fontes no Formalismo Russo da década de 1920:

1 – *Produtos e modelos canonizados e produtos e modelos não canonizados*: os primeiros são os sancionados como legítimos pelos círculos dominantes dentro de uma determinada cultura. São, portanto conservados e transmitidos como parte da herança cultural dessa sociedade. Os segundos fazem referência às normas e textos rejeitados pelas instâncias de poder de uma sociedade e tachados, assim, como ilegítimos (EVEN-ZOHAR, 1990);

2 – *Centro e periferia*: o sistema se divide em duas partes principais. A primeira é o centro, ocupado pelo repertório canonizado de maior prestígio. A segunda é a periferia, onde se situa o repertório não canonizado, como a literatura de consumo, a literatura infantil ou as traduções literárias (EVEN-ZOHAR, 1990). Pode haver mais de um centro; os fenômenos literários circulam entre o estrato central e o periférico em uma transferência contínua intrassistêmica;

3- *Atividades primárias e atividades secundárias*: as primárias são as atividades inovadoras, que rompem com as convenções em vigor; as secundárias são as atividades conservadoras do repertório, que tendem a conservar as convenções oficiais (1990);

4 – *Dimensão diacrônica e dimensão sincrônica*: o sistema é uma estrutura diacrônica e as tensões entre seus extratos motivam a mudanças constantes. A dimensão sincrônica do sistema também participa desta mudança (IGLESIAS SANTOS, 1994).

Even-Zohar (1990) ressalta que é importante distinguir os dois tipos de canonicidade. De um lado *a canonicidade estática*, que se dá pelo nível dos textos, quando uma obra literária passa a fazer parte do conjunto de textos que uma comunidade quer conservar. Neste sentido, o autor é canônico. De outro, *a canonicidade dinâmica*, que se dá em nível dos modelos, ocorre quando um modelo literário funciona como princípio produtivo do sistema por meio de seu repertório, caso em que o autor é canonizado. Sem dúvida, a canonicidade dinâmica é a que

mais perdura no tempo por dar-se em nível de repertório, que é o conjunto de normas e elementos reguladores da produção dos textos. A tradicional identificação do sistema com a literatura canonizada fica, agora, superada e o objeto de estudo da teoria dos polissistemas passa a abarcar a literatura não canonizada como parte da manifestação sociocultural de um povo.

O fluxo entre subsistemas e entre sistemas é contínuo e, nestas constantes transferências e interferências, as traduções literárias passam a ser consideradas um elemento a mais.

Even-Zohar (1990) critica a falta de atenção a que vemos submetidas as traduções literárias relacionadas ao sistema literário que integram. As traduções literárias, longe de serem fatos isolados, estabelecem um diálogo fluído com o sistema cultural em que se desenvolvem; são como um sistema essencial e ativo dentro do sistema literário. Por essa razão, vemo-nos obrigados a considerar a posição e a função que as traduções literárias ocupam e cumprem dentro do sistema literário no qual estão integradas.

Seguindo os parâmetros do mesmo autor, há duas possíveis posições nas traduções literárias:

1 – *As traduções literárias ocupam uma posição central*: neste caso, participam ativamente na configuração central do sistema; são consideradas como atividades primárias que colaboram com a elaboração do repertório introduzindo elementos estrangeiros anteriormente desconhecidos. A seleção dos textos originais depende do papel inovador que se queira outorgar à tradução. As traduções literárias preenchem o extrato central em três casos: quando um sistema literário é jovem e sofre de configuração indeterminada; quando uma literatura é periférica ou débil (ou ambas as coisas) em relação a outras literaturas; quando uma literatura sofre um período de crises, está em um ponto de inflexão ou existe um vazio com a necessidade de ser preenchido.

2 - *As traduções literárias ocupam uma posição periférica*: nesta situação, as traduções literárias formam seu próprio sistema periférico dentro do sistema literário. Convertem-se em atividades secundárias que não influem nos processos literários importantes e estão modeladas de acordo com as normas reinantes na cultura da tradução. Esta posição contradiz a própria essência da tradução, cujo objetivo é trazer ao conhecimento elementos estrangeiros de outros modos inacessíveis.

Em qualquer caso, as traduções literárias constituem-se em um sistema com identidade própria, já que ocupam o centro do sistema literário ou sua periferia. Daí que, dentro de sua própria constituição como sistema, existem, também, extratos diferentes. Even-Zohar conclui que “desde este ponto de vista, a tradução não é mais um fenômeno cuja natureza e as fronteiras

são dadas de uma vez por todas, mas uma atividade dependente das relações dentro de um determinado sistema cultural” (1990, p. 51, tradução nossa)⁴.

De acordo com Iglesias Santos (1994), a teoria dos polissistemas deve evoluir até converter-se em uma Ciência da Cultura que dê conta da criação e distribuição de distintos modelos socioculturais, por meio das novas práticas de análise textual e semiótica. Deste modo, as disciplinas encarregadas de estudar a literatura abandonariam seu lugar periférico nas Ciências Sociais. A partir do estudo da Literatura, poder-se-ia examinar como se regem a atividade humana e a comunicação. Ainda que este projeto pareça excessivamente ambicioso, entra em perfeita sintonia com as novas orientações que primam no seio dos Estudos da Tradução. A relação entre tradução e cultura obriga a considerar as implicações que o fenômeno da tradução tem tanto no terreno da Linguística como no terreno da sociedade na qual se desenvolve.

Hurtado-Albir (2001) sintetiza que a teoria dos polissistemas mostra interesse pela análise literária nos níveis de produção textual, a recepção do texto em um contexto histórico, sua posição no sistema literário e sua relação com outras literaturas. Este interesse é compartilhado com os Estudos Descritivos da Tradução. Da teoria dos polissistemas, aplicada a este campo, depreendem-se, necessariamente, consequências de grande valor para a consideração das normas de tradução.

Estudos Descritivos da Tradução

O pesquisador James Holmes, que cunhou a expressão Estudos da Tradução, definiu os estudos descritivos como um dos dois ramos dessa disciplina (o outro é o dos estudos teóricos). Segundo ele, o objetivo dos estudos descritivos consiste em “descrever a atividade tradutória e o produto da tradução conforme elas se manifestam no mundo da experiência”⁵ (HOLMES, 1988, p. 71, tradução nossa). As palavras de Holmes tiveram grande repercussão em alguns círculos e levaram a uma considerável ampliação do horizonte de pesquisa, visto que todo fenômeno relacionado à tradução tornou-se objeto de estudo (HERMANS, 1985). Assim, os Estudos Descritivos da Tradução consideram relevante todo texto apresentado ou entendido como tradução pela cultura de chegada, mesmo que não preencha os requisitos que caracterizem uma tradução no sentido estrito.

⁴ No original: “*Seen from this point of view, translation is no longer a phenomenon whose nature and borders are given once and for all, but an activity dependent on the relations within a certain cultural system*”.

⁵ No original: “*describe the translation activity and the product of translation as they manifest themselves in the world of experience*”.

Os descritivistas, em sua maioria egressos da Literatura Comparada, estavam envolvidos com questões de semântica e pragmática encontradas nas obras traduzidas. Esses pesquisadores buscaram, na década de 1970, “estabelecer um novo paradigma para o estudo da tradução literária, com base numa teoria abrangente e uma pesquisa prática contínua” (HERMANS, 1985, p. 10, tradução nossa)⁶. Dentre os nomes relacionados aos estudos descritivos, o do teórico israelense Gideon Toury talvez seja o mais conhecido, visto que foi ele quem mais desenvolveu esse paradigma. Toury baseou-se na teoria dos polissistemas, desenvolvida pelo também israelense Itamar Even-Zohar, para explicar o comportamento e a evolução dos sistemas literários (BAKER, 1998). Para entender o paradigma descritivista, portanto, é fundamental conhecer primeiro as ideias desenvolvidas por Even-Zohar, cuja síntese encontra-se, sobretudo, no texto “Polysystem Studies”, publicado no volume nº 11, do periódico *Poetics Today* (1990), no qual o teórico retoma e expande ideias desenvolvidas, especialmente, a partir de 1978.

Toury e o desenvolvimento dos Estudos Descritivos da Tradução – visão sistêmica

Toury trabalhava com Even-Zohar em Tel Aviv e acabou muito influenciado pela teoria do colega. Após dedicar-se ao estudo das condições socioculturais que determinavam a tradução de obras estrangeiras para o hebraico, ele voltou-se para a elaboração de uma teoria mais ampla sobre a tradução. Em 1980, Toury publicou o livro *In search of a theory of translation*, no qual estabeleceu os principais pressupostos, conceitos e objetivos dos estudos descritivos. Assim como Even-Zohar, Toury publicou várias versões revistas e atualizadas dos seus textos ao longo da década de 1990. Em 1995, lançou *Descriptive Translation Studies and beyond*, livro no qual ressalta a necessidade de desenvolver um ramo descritivo para os Estudos da Tradução, como já havia sido proposto por Holmes.

Na visão de Toury, “nenhuma ciência empírica pode se julgar completa e desfrutar de (relativa) autonomia se não tiver um ramo descritivo adequado” (TOURY, 1995, p. 11, tradução nossa)⁷, fundamentado em pressupostos bem definidos e dotado de metodologia e técnicas de pesquisa explícitas.

Para ele, a cultura-alvo é que determina a necessidade da tradução. Assim, textos traduzidos vêm para ocupar um lugar ou preencher algum vazio em determinado sistema.

⁶ No original: “(...) establish a new paradigm for the study of literary translation, based on comprehensive theory and ongoing practical research”.

⁷ No original: “No empirical science can think itself complete and enjoy (relative) autonomy if it does not have an adequate descriptive branch”.

Mesmo quando uma cultura cujo idioma seja pouco falado fora de suas fronteiras tenta traduzir suas obras nacionais para fins de difusão internacional, a tradução só funcionará como tal se o sistema-alvo lhe atribuir esse uso. Logo, só será possível constatar que um texto recebe o tratamento de tradução a partir da cultura-alvo. Isso não significa, de modo algum, excluir o texto e a cultura de partida; há apenas uma inversão de prioridades e do ponto de partida das pesquisas.

A partir da formulação do paradigma descritivista, as tradicionais preocupações essencialistas, como “o que é uma tradução?” ou “qual é a diferença entre tradução e adaptação?”, cedem lugar a uma visão funcionalista. Para esses estudiosos, em termos gerais, o importante é determinar o lugar que uma tradução ocupa dentro do sistema literário da língua-meta, e não mais verificar até que ponto o texto traduzido conseguiu refletir o chamado original.

Adeptos da linha dos estudos descritivos mostram-se interessados, sobretudo em tecer análises sobre em que consiste o comportamento tradutório em vez de determinar em que deveria consistir. No entanto, esses estudiosos não baseiam seu trabalho numa seleção aleatória de generalizações, e sim de generalizações aplicáveis a uma classe ou subclasse aplicável particular de fenômenos e passíveis de testes intersubjetivos (TOURY, 1995). Nesse caso, a noção de normas elaborada por Toury constitui justamente esse aparato necessário para a formulação de afirmações verificáveis e não randômicas sobre o comportamento tradutório e o produto da tradução. Além disso, os pesquisadores descritivistas se baseiam na suposição de que traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas. A própria escolha dos textos a serem traduzidos, as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório, e a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções são fatores consideravelmente influenciados pelos distintos contextos socioculturais observados em determinados momentos históricos.

Um pesquisador alinhado com o paradigma descritivista, portanto, procura investigar a concepção de tradução de cada cultura, sua dinâmica, sua história, seus produtos, os processos responsáveis pela geração desses produtos e as estratégias, os objetivos e as coerções que os geram. Tal pesquisa se baseia em grande parte no conceito de normas, desenvolvido por Toury no final da década de 1970 e que constitui um dos pilares de sua teoria.

Toury e o conceito de normas

Entenda-se por norma o conceito elaborado por Toury, como “a tradução de ideias e valores gerais compartilhados por uma comunidade com respeito ao que é certo e errado, adequado ou inadequado, em instruções de desempenho apropriadas e aplicáveis a situações

específicas” (TOURY, 1995, p. 55, tradução nossa)⁸. Ou seja, trata-se de coerções socioculturais específicas de uma cultura, sociedade e época. Em termos de gradação, Toury situa as normas entre as regras (espécie de normas mais explícitas e objetivas) e as idiosincrasias (espécie de normas mais difusas e subjetivas) (TOURY, 1995).

A norma se constitui no aparato necessário para a formulação de afirmações verificáveis, e não randômicas, sobre o comportamento tradutório e o produto da tradução. Os descritivistas se baseiam na suposição de que traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas, a própria escolha dos textos a serem traduzidos e as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório são consideravelmente influenciadas pelos contextos socioculturais em determinados momentos históricos. De acordo com Toury, o objetivo desse paradigma teórico consiste em fornecer *explicações* sobre a produção e a recepção das traduções em diferentes épocas e culturas. Nas palavras do próprio Toury:

[...] meus esforços têm sido direcionados, sobretudo para a *descrição* e a *explicação* de tudo que tenha sido considerado tradução por determinadas culturas-alvo, com o objetivo final de formular uma série de leis inter-relacionadas de natureza probabilística em conformidade com seus fatores condicionantes” (TOURY, 1995, p. 136, grifos do autor, tradução nossa)⁹.

O teórico israelense considera a tradução uma atividade regida por normas e essas normas, por sua vez, “determinam o tipo e a extensão da equivalência manifestada em traduções reais” (p. 61, tradução nossa)¹⁰. Tal afirmação confere certa ambiguidade ao termo norma e pode levar um leitor a pensar que se trata de um conjunto de especificações prescritivas. Na verdade, norma, na concepção de Toury, refere-se a uma categoria de análise descritiva dos padrões de comportamento adotados em todo processo da tradução.

A noção de norma pressupõe que o tradutor se vê sempre diante da necessidade de tomar decisões. Afinal, conforme afirma Toury, esse profissional não se limita apenas a transferir frases de uma língua para outra. Ele desempenha um papel social; exerce uma função determinada pela comunidade e precisa fazê-lo da maneira estabelecida por esse grupo. Para um tradutor ser bem aceito numa dada comunidade, ele precisa observar as normas tradutórias vigentes nesse meio (BAKER, 1998).

⁸ No original: “The translation of general ideas and values shared by a community regarding what is right and wrong, appropriate or inappropriate, into appropriate performance instructions applicable to specific situations”.

⁹ No original: “my efforts have been directed, above all, to the description and explanation of everything that has been considered translation by certain target cultures, with the final objective of formulating a series of interrelated laws of a probabilistic nature in conformity with their conditioning factors”.

¹⁰ No original: “determine the type and extent of equivalence manifested in actual translations”.

Segundo Sara Laviosa (2010), os estudiosos identificam normas comportamentais de tradução por meio do estudo de corpora de traduções. Com base nisso, identificam padrões regulares de tradução e estratégias escolhidas pelos tradutores que compõem aquele material. Em seus estudos de casos de traduções para o hebraico, por exemplo, Toury procurou identificar padrões de comportamento tradutório e fazer generalizações acerca dos processos de tomadas de decisões do tradutor para, depois, reconstruir as normas que foram utilizadas na tradução e traçar hipóteses que pudessem ser testadas por estudos descritivistas futuros. O teórico israelense também acredita ser possível identificar normas predominantes de determinada cultura e período por meio do exame dos textos traduzidos e das declarações feitas por tradutores, revisores, editores e outros participantes do processo tradutório (LAVIOSA, 2010).

Toury relaciona três tipos de normas de tradução: preliminares, iniciais e operacionais.

1 - Normas preliminares — Dizem respeito à natureza e à política de tradução empregada. Em outras palavras, aplicam-se à seleção de textos e aos autores a serem traduzidos, bem como à estratégia global para a realização e inserção das traduções no sistema-alvo. Tais decisões, em geral, não são tomadas pelo tradutor, mas pelos editores e instituições envolvidos no processo. Estes também definem se a tradução será direta ou indireta (do chinês para português ou do chinês via inglês para o português, por exemplo) (BAKER, 1998).

2 - Normas iniciais — Envolvem as decisões básicas tomadas pelo tradutor quanto a tornar a tradução *adequada* (quando reproduzidas as normas, tanto linguísticas como textuais, do texto de partida) ou *aceitável* (quando há uma aproximação maior em relação às normas da cultura de chegada). Vale frisar que os dois polos — adequação e aceitabilidade — não são excludentes; o tradutor pode adotar uma solução intermediária e fazer uma combinação de normas.

3 - Normas operacionais — Referem-se às decisões tomadas durante o processo tradutório e dividem-se, por sua vez, em duas categorias: (a) Matriciais — Determinam os acréscimos, omissões, alterações e segmentações feitos em relação ao texto de partida. (b) Textuais — Revelam opções linguísticas e estilísticas.

A formulação do conceito de normas por Toury acabou por redefinir outro de suma importância nos Estudos da Tradução, o de equivalência. Tradicionalmente prescritivo, a noção de equivalência ganha uma dimensão de historicidade no modelo do teórico israelense. Em vez de se referir apenas à relação entre o texto de partida e o de chegada, passa a designar toda relação que tenha caracterizado uma tradução num dado contexto. Ou seja, o conceito de equivalência adquire um caráter funcional e relacional; deixa de ser um fim em si mesmo para tornar-se uma consequência (fruto da confiança que o leitor da tradução tem no tradutor).

Caberá ao estudioso compreender, na cultura e no contexto analisados, que normas tiveram de ser atendidas para que um texto fosse aceito como equivalente a outro.

A Escola de Manipulação

Em abril de 1976, foi celebrado, na Universidade Católica de Lovaina (Bélgica), um colóquio intitulado Literatura e Tradução em que participaram investigadores de diversas partes do mundo, o qual é considerado, na Europa, um ponto de inflexão importante na reflexão sobre a tradução literária. O encontro motivou e impulsionou novas perspectivas teóricas surgindo daí um grupo de pesquisadores com interesses comuns que mais tarde foram denominados Escola da Manipulação. Estes autores, entre eles Hermans (1985) e Toury (1980), defendem: “uma orientação descritiva e explicativa; a importância da recepção da tradução; a norma como conceito central; e a integração da análise da tradução literária dentro dos estudos sobre tradução” (HURTADO-ALBIR, 2008, p. 64, tradução nossa)¹¹.

Este novo grupo nasceu como reação a um estado de coisas que condicionava de maneira improdutiva a pesquisa na tradução literária. Hermans (1985b) fala de duas situações principais desencadeantes dessa nova orientação. Em primeiro lugar, a Literatura Comparada havia se encarregado quase que exclusivamente dos Estudos da Tradução, centrando-se nos estudos de influência. A tradução nunca havia sido considerada objeto de investigação por si mesma, o que conduziu a uma falta de interesse do estudo, do lugar que ocupava e da função que cumpria no conjunto de textos de uma literatura e seu desenvolvimento. Em segundo lugar, as pesquisas dedicadas expressamente ao estudo de traduções tampouco haviam avançado.

A Escola de Manipulação recebe esse nome por conta do livro *The Manipulation of Literature* publicado em 1985, no qual Hermans reúne uma série de opiniões de diferentes pesquisadores que coincidem com sua concepção de tradução literária como uma atividade marcada pela manipulação. A terminologia suscitou controvérsias pelo caráter científico da nova orientação. A Escola da Manipulação se autodefiniu, desde seu nascimento, como um novo paradigma dentro dos Estudos da Tradução. Não é em vão que seu objetivo será “estabelecer um novo paradigma para o estudos da tradução literária, sobre as bases de uma teoria abrangente e prática de pesquisas em andamento” (Hermans, 1985b, p. 10)¹².

¹¹ No original: “Una orientación descriptiva y explicativa, la importancia de la recepción de la traducción, la norma como concepto central y la integración del análisis de la traducción literaria dentro de los estudios sobre la traducción”.

¹² No original: “Establish a new paradigm for the study of literary translation, on the basis of a comprehensive theory and ongoing practical research”.

Ainda no decorrer de sua explanação, Hermans pede cautela, ele diz que se utiliza do termo paradigma para enfatizar o caráter inovador da Escola da Manipulação e sua vontade de constituir-se sobre uma sólida base teórica. Reconhece que essa nomenclatura lhe parece um pouco exagerada. Da mesma maneira como ocorreu com a estética da recepção, ainda é cedo para decidir se a Escola da Manipulação representa uma mudança de paradigma. Embora a terminologia não esteja de todo clara, é inegável sua importância e influência no desenvolvimento dos estudos sobre a tradução nos últimos trinta anos.

Conclusão

Podemos considerar, a partir dos estudos aqui apresentados, que a tradução galgou patamares importantes na prática e na crítica, que há diferentes propostas metodológicas para se executar uma tradução, bem como desenvolver estudos críticos, mas ainda há muito para avançar. Mesmo que a prática tradutória seja exercida há muito tempo e exista reflexões com mais de dois mil anos, somente nos anos 1960 se inicia reflexões de caráter sistemáticos consolidando-se em uma disciplina específica que estuda a tradução em suas diversas manifestações.

Esta breve investigação descreve uma parte de toda a diversidade de métodos existentes e sugere a dificuldade intrínseca à tradução que permeia todos eles, sobretudo quando se trata do texto literário, que comporta diferentes elementos que formam parte da cultura do lugar em que o mesmo é produzido. Há um inventário de técnicas para possibilitar ao tradutor conferir à tradução uma cor local sem produzir um excesso de estranheza, considerando que o contexto cultural da recepção, como o do texto original, não são estáticos, mas não há uma regra sobre os métodos que devem ser aplicados para transportar, em palavras, os significados de um contexto para outro.

São vários os fenômenos que atravessam os fluxos de recepção; não é possível abarcar todas as teorias, metodologias e técnicas em um artigo, razão pela qual foram selecionados os mais relevantes dos Estudos da Tradução, a partir de pesquisas sobre noções mais utilizadas para a análise crítica. É possível considerar que não existe um caminho pronto que seja conveniente seguir, tanto no que implica a tradução em si, como na crítica a esta, e que o papel do pesquisador é múltiplo, interdisciplinar e também empírico, porque há espaço para todos os enfoques, desde os especulativos até os mais experimentais. Cada um acrescenta sua parte de conhecimento e todos estão em diálogo com o desenvolvimento das outras ciências e com a diversidade de estudos que requerem também contato com as mais distintas disciplinas.

Referências

- BAKER, Mona. **The Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London & New York: Routledge, 1998.
- BASNETT, Susan. **Comparative Literature: A Critical Introduction**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today**. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. Tel Aviv: 1990, p. 11.
- HERMANS, T. **The manipulation of literature: studies in literary translation**. London: Croom Helm, 1985.
- HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: HOLMES. **Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1988.
- HURTADO-ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología: introducción a la traductología**. Madrid: Cátedra, 4. ed., 2008.
- IGLESIAS SANTOS, Montserrat. El sistema literario: teoría empírica y teoría de los polisistemas. In: VILLANUEVA, Darío (org.): **Avances en teoría de la literatura: estética de la recepción, pragmática, teoría empírica y teoría de los polisistemas**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1994. p 309-356.
- LAVIOSA, Sara. **Corpus-based Translations Studies: theory, findings, applications**. Amsterdam: Rodopi, 2010.
- TOMASZKIEWICZ, Teresa. ¿Cómo define la Traductología sus objetivos y metodologías de análisis?. In: DOMINGUEZ, Fernando Navarro (eds.). **La traducción: balance del pasado y retos del futuro**. Alicante: Editorial Aguaclara, 2007.
- TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- TOURY, G. **In search of a theory of translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.
- VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Trad. Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Vilela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

Recebido em: 31/01/2022

Aceito para publicação em: 02/05/2022